

PROBLEMAS DA PROTEÍNA BOVINA

Cel Vet QEMA

ESTEVÃO ALVES CORRÊA FILHO

O Brasil atingirá, no ano 2000, uma população humana superior ao dôbro da sua população atual, ou seja 170 milhões de habitantes, conforme nos levam a crer os estudos estatísticos realizados por órgãos internacionais.

Trabalhos recentemente apresentados à OEA, dão para a América Latina, o índice de crescimento populacional de 2,7% ao ano, índice êste, superior aos da Europa e África. Assim sendo, o nosso País dobraria a sua população em cada período de 23 anos.

Tendo em vista essa premissa, surgem de imediato, duas idéias, para que seja equacionado êsse problema de magna importância:

- o aumento da produção agropecuária, visando manter a sobrevivência dêsse enorme potencial humano;
- a adoção de medidas não condizentes com nossa formação espiritual — o controle da natalidade.

Nessa divagação, cremos que a primeira hipótese seja a única solução prática e viável para o crucial problema e é êste o objetivo de nosso trabalho.

Enfatizar o aumento da produção agropecuária nacional é o objetivo de nosso trabalho, prin-

cipalmente, quando se sabe que de sua enorme base territorial, 120.000.000 ha são constituídos de campos, sendo, portanto, um país privilegiado para o desenvolvimento da pecuária.

O Brasil, conforme demonstram estudos realizados, tem possibilidades de possuir um rebanho pastoril muito acima do atualmente existente, principalmente no que diz respeito ao seu rebanho bovino — produtor do alimento nobre — a proteína.

Por outro lado, podemos afiançar que muito remota está a época de nosso País deixar de ter espaço territorial para abrigar a sua população humana.

Disto se depreende que a questão advinda, não é superfície nem tampouco superpopulação e sim a produção de alimentos para sua subsistência.

É fato corrente que o máximo de habitabilidade do mundo é baseado em 6 habitantes por km²; portanto, mesmo atingindo a nossa população, o dôbro da atualmente existente, chegaremos a ter 3,2 habitantes/km², o que fica muito aquém daquela superpopulação humana.

A disponibilidade de alimentos protéicos, principalmente de carne, é fator preponderante na alimentação dessa população.

1 — REBANHO BOVINO

Dados da FAO (1962) apresen-

tam o seguinte quadro demonstrativo da relação da população bovina, Boi/Km² e Boi/Pessoa:

PAÍSES	POP. BOVINA	RELAÇÃO BOI/KM ²	RELAÇÃO BOI/PESSOA
Estados Unidos	100.000.000	10,68	0,53
Rússia	82.077.000	3,66	0,32
Argentina	43.300.000	15,59	2,02
Austrália	18.033.000	2,34	1,68
Brasil	76.176.000	8,83	1,05

Levando-se em consideração a disponibilidade de nossa área territorial e as relações verificadas aos Estados Unidos e Argentina, nosso país tem possibilidade de usufruir o desfrute de um rebanho bovino de 90.929.520 ou 133.283.260 cabeças, respectivamente. Isso sem atentarmos para o fato da possibilidade de manutenção de rebanhos com efetivos muito superiores, conforme já obtiveram a Alemanha e a Dinamarca, desde que para isso, sejam adotadas técnicas aperfeiçoadas. O Brasil se possuísse a taxa de pastoreio deste último país, poderia, atualmente, abrigar 72,8% do rebanho bovino mundial.

O simples povoamento animal não implica em maior produção de carne. O desenvolvimento da indústria pastoril exige, além de outros fatores, que seja assegurada a assistência técnica imprescindível a uma maior produtividade.

2 — ASSISTÊNCIA TÉCNICA

O efetivo de veterinários existente no Brasil é insuficiente pa-

ra apoiar a infra-estrutura pecuária do nosso país.

O anuário mundial da FAO em 1963, comparando o efetivo bovino e o número de veterinários existentes em vários países dá as correlações para 1 veterinário:

	bovinos
Índia	50.000
Estados Unidos	4.600
Rússia	1.900
Brasil	26.000
Argentina	21.000

O levantamento médio de veterinários existentes nesses países, nos leva à necessidade do Brasil possuir no mínimo 4 (quatro) vezes o número de veterinários atualmente existente.

A extensão territorial de vários países, ao ser pôsto em confronto com o número de seus veterinários, apresenta dados realmente alarmantes, considerando-se a enorme área que caberá à responsabilidade de cada profissional. Esta responsabilidade traduz-se pela proteção da saúde e a defesa dos interesses econômicos da população humana, através a proteção sanitária e a

adoção de métodos zootécnicos na criação de seu rebanho animal.

Dêste modo o veterinário tem sob sua responsabilidade profissional a defesa da população humana contra as doenças transmissíveis pelos alimentos e pelos próprios animais, como também, a defesa da saúde dos rebanhos contra as suas zoonoses; ao mesmo tempo que presta aos criadores orientações técnicas, objetivando maior produção e rendimento animal.

3 — CONSUMO DE CARNE BOVINA

O Brasil, não obstante possuir o 3º rebanho do mundo, possui um baixo consumo de carne — 24,5 kg *per capita*, estando muito aquém do consumo da Argentina e Uruguai, países vizinhos que possuem, respectivamente, os índices de 79,3 kg e 117,3 kg/habitante/ano, sendo este índice o maior do mundo.

Segundo as normas dietéticas, estabelecidas pela Conferência do Hot Springs, a média universal é, aproximadamente, 34 kg, incluindo-se tôdas as classes de carnes.

As tabelas estabelecidas pelo laboratório de Higiene e Nutrição da Polônia estabelecem as seguintes exigências de proteína animal:

Padrão A — Insuficiência.

Padrão B — Mínimo — 39,8 gramas de proteína animal/homem/dia e equivalente a 48,8 kg de carne/e peixe/homem/ano.

Padrão C — Ração completa 47,6 gramas de proteína animal por homem/dia, equivalente a

55,2 kg de carne e peixe por homem/ano.

Padrão D — Excelente — 55,4 gramas de proteína animal por homem/dia equivalente a 60,6 quilos de carne e peixe por homem/ano.

O índice mínimo considerado recomendável como exigência dietética é 50 kg por homem/ano, portanto o consumo em carne, do povo brasileiro é a metade do mínimo recomendável.

O incremento da criação bovina, além de promover maior disponibilidade de carne para o consumo interno, pode possibilitar melhor exportação, apresentando considerável saldo positivo para nossa balança comercial.

O Commonwealth Economic Comittee, Meat Intelligence Bulletin, com dados relativos a 1961, demonstrou que o nosso País exportou apenas 15.000 ton de carne, enquanto o Uruguai exportou 39.000 e Argentina 264.000 ton.

O carregamento de divisas pelo aumento de nossas exportações é uma necessidade premente para o desenvolvimento de nosso País, sendo a exportação de carnes e derivados um fator considerável na consumação desse desiderato.

Os países importadores, naturalmente, apresentam suas exigências quanto à sanidade e qualidade do produto, como fizeram ultimamente a Inglaterra e a França. Dentre tais exigências destacando-se o combate à febre aftosa e o atendimento a preferências particulares a cada país importador, no que diz respeito a tipos de carne, épocas de importação e preparo de carcaças.

O nosso País sòmente poderá concorrer com os demais exportadores, com a melhoria qualitativa e o aumento da sua produção de carne e sòmente através os recursos da técnica poderá alcançar êsse objetivo.

4 — DESFRUTE

O Brasil ainda possui uma taxa de desfrute de seu gado bovino em padrão muito baixo uma vez que o nosso abate atinge 9,2% do efetivo bovino.

Pelo estudo de dados colhidos pela FAO podemos constatar as seguintes percentagens de desfrute:

Estados Unidos	34,8%
Argentina	25,6%
Austrália	32,6%
Alemanha	45,5%
Polônia	47,7%
Brasil	9,2%

Dêste modo verificamos que chegamos a estar colocados em último lugar entre 18 países objetos dêsse estudo da FAO, com o desfrute irrisório de 9,2%.

São vários fatores que permitem o aumento do rendimento da pecuária de corte a fim de serem atingidos os índices já atingidos por outros centros criadores do mundo, entre êles destacamos os seguintes:

a) *Diminuição da idade do abate*

No Brasil a idade do abate oscila entre 40 a 54 meses. Entre 16 países, 13 abatem 17 a 27 meses, a Argentina entre 27 a 36 meses. Enquanto em vários paí-

ses cria, recria e engorda tem um periodo médio de 22 meses, no Brasil a média é de 47 meses. Um boi no nosso País para ser abatido leva mais do dôbro do tempo que nos demais países produtores de carne.

b) *Aumento do pêso da carcaça*

O pêso médio das carcaças dos bovinos no Brasil é da ordem de 194 quilos, com média de 47 meses de idade.

Nos Estados Unidos com a média de 22 meses de idade o pêso da carcaça é em média 259 quilos, isto é, 33,2% mais que no Brasil.

Na Argentina, com a média de 31 meses o pêso da carcaça é em média de 202 quilos, isto é, 4,2% mais que no Brasil.

c) *Aumento numérico do gado bovino*

Cálculos aproximados nos levam à necessidade de possuímos no ano 2000, cêrca de 170 milhões de bovinos. Isto seria perfeitamente viável devidc às nossas disponibilidades de suporte das pastagens naturais, adjuvadas de meios modernos de criação.

O excesso de disponibilidade de carne, caso existisse, teria franca colocação no mercado exterior, devido à procura sempre crescente de proteína animal.

O Brasil dispõe de áreas enormes adequadas ao desenvolvimento da indústria pastoril, que dependem, unicamente, de suficientes recursos para crédito rural e assistência técnica.

Pode-se afirmar, mesmo, que mais de 2/3 da superfície brasileira são perfeitamente adaptáveis à pecuária. É bem verdade que não poderemos dispor logo de início de imensas áreas, quer cobertas por florestas, quer constituídas de cerrados cujos solos necessitam de trato e melhoramentos para o desenvolvimento de campos de pastoreio ou formação de pastagens.

Seria muito mais viável melhorarmos as áreas já criatórias com técnicas modernas e meios de defesa às causas de baixa produtividade.

No Estado de São Paulo, onde o desenvolvimento agrícola corre paralelo à produção animal, o suporte bovino chegou a atingir em 1966 cerca de 45,7% animais por km².

O Brasil Central, e aí incluímos além dos Estados de Mato Grosso e Goiás os de Minas Gerais e São Paulo, apresenta um povoamento bovino de 18,6 bovinos/km², ao passo que em todo o território nacional tem o adensamento de 10,6 reses por km².

A semelhança entre esses espaços territoriais fazem prever a viabilidade desse aumento de gado bovino, tendendo para um povoamento de 40 reses/km², taxa aliás já obtida no Rio Grande do Sul.

Somente o Brasil Central permitiria obter mais de 100 milhões de bovinos, dobrando a sua população bovina atual em uma área correspondente a 1/3 da área total do Brasil.

5 — CONCLUSÕES

1. O Brasil com sua imensa extensão territorial tem condi-

ções de manter a sua posição de realce em relação a seu efetivo bovino e melhorar a sua produtividade, pela utilização de seu potencial, ainda em fase de incipiente exploração.

2. O aumento da população humana implicará, forçosamente, num incremento da produção de carne bovina, necessária à sua alimentação e sobrevivência.

3. Os estudos comparativos com países dedicados à criação bovina dão ao nosso território possibilidades apreciáveis para a produção de carne bovina necessária ao previsto consumo dos próximos anos.

4. O aumento de nossa produção, no setor pecuário, está na dependência de prática zootécnica e conseqüente abandono dos métodos empíricos, que, até agora, vêm sendo seguidos por nossos criadores. Neste sentido, enumeramos, principalmente, as seguintes medidas:

a) povoamento adequado das áreas disponíveis;

b) combate às causas que diminuam a taxa de desfrute;

c) abolição do pastoreio permanente com adoção do sistema de rotação de pastagens;

d) adoção de novas técnicas zootécnicas e emprêgo de maior número de reprodutores de alta linhagem;

e) incremento dos meios de defesa sanitária.

5. A deficiência acentuada de profissionais técnicos aumentada sobretudo as perdas animais, tanto por falta de combate às

zoonoses quanto pelo emprêgo de más técnicas adotadas nessas criações.

6. O consumo de carne bovina no Brasil não atingiu ainda o mínimo desejável, ficando aquém da metade dessa quantidade.

7. Sòmente com aumento adequado da população bovina poderemos então atender a essa imposição da natureza — o combate a fome de proteína possibilitando a exportação de excedentes, canalizando divisas para nosso País.

A VERDADE OPORTUNA E BEM APRESENTADA

Geka

1. "A Verdade Oportuna e Bem Apresentada" sintetiza muito bem a essência da boa Informação — mais do que parece à primeira vista.

2. **A Verdade**, naturalmente, é fundamental na Informação. — Nunca superestimar, subestimar ou cobrir-se demais ao apresentar uma situação. Seleção, destaque adequado e real compreensão do assunto são imprescindível para que se diga a verdade.

3. **Oportuna** é uma consideração que muitos Oficiais de Informações, com outras excelentes características, nunca chegam a apreciar devidamente. Na erudição pura, a oportunidade não tem grande importância. Em informações, porém, o valor de quase todos os documentos está em sua utilidade — direta ou indireta — com vistas à segurança. A utilidade de uma informação está intimamente ligada à sua oportunidade. O valor de qualquer informação deprecia-se rapidamente com o tempo.

4. **Bem Apresentada** é a noção final e vital. Informações verdadeiras e oportunas, muitas vezes, não atingem sua finalidade por não serem lidas, entendidas ou acreditadas. Na apresentação, merecem cuidado especial a simplicidade e a clareza, legibilidade, gráficos e ilustrações. Deve-se deixar evidente ao leitor o nosso grau de certeza ou incerteza, e pôr em relêvo a importância dos fatos relatados.